

## UM BEM FRONTEIRIÇO: PONTE INTERNACIONAL BARÃO DE MAUÁ

FATIANE FERNANDES PACHECO<sup>1</sup>; FÁBIO VERGARA CERQUEIRA<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – [fatianepacheco@gmail.com](mailto:fatianepacheco@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – [fabiovergara@uol.com.br](mailto:fabiovergara@uol.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho discorrerá sobre a pesquisa desenvolvida no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, tendo como objeto de pesquisa a Ponte Internacional Barão de Mauá, entendida como dispositivo social possível para capturar a memória social da população fronteiriça, composta por memórias que atuam na (re)construção constante de sua identidade cultural. A ponte liga a cidade de Jaguarão, do lado do Brasil, e Rio Branco, do lado do Uruguai. É resultado de um acordo assinado em 1918 entre os dois países, com a intenção de aproximar os países politicamente, econômica e culturalmente. Passados quarenta e seis anos desde a data de inauguração, ocorrida em 1931, o Uruguai declarou a Ponte Internacional Mauá como Monumento Histórico Nacional. No Brasil, demorou um pouco mais para isso ocorrer. Mas, nacionalmente, a ponte recebeu em 2011 a primeira nomeação, por parte do IPHAN, como bem cultural binacional. No ano seguinte, foi reconhecida pela Comissão do Patrimônio Cultural do MERCOSUL (CPC), como o primeiro bem binacional reconhecido como Patrimônio Cultural pelos países do MERCOSUL. Assim, a ponte tornou-se um patrimônio institucionalizado.

A ponte como suporte de informações da cultura material do passado, articulada com a oralidade, tem um grande potencial para entendimento das dinâmicas sociais neste espaço de fronteira, portadora desta singularidade de ser reconhecida como bem cultural compartilhado entre duas nações. Além do valor material, e dos aspectos sobre sua institucionalização quanto patrimônio, já bastante estudada (SANTOS, 2007), (GUITIERREZ, 2003), interessa-nos igualmente que a ponte carrega significados nela depositados e vivências ali experimentadas. Há uma dimensão de memória social ainda a ser pesquisado com relação à ponte. Ela aguça a percepção das pessoas em geral que ali transitam, mas é a população fronteiriça que a vivencia no seu cotidiano de modo peculiar, tendo centralidade na sua constituição imaginária de mundo. Logo, constitui as articulações desta gente com o tempo. É um lugar de memória para população local, e assim cada geração a ressignifica.

Para Halbwachs (1990), lugares, datas, palavras e formas de linguagem seriam representações partilhadas por todos aqueles que têm lembrança. Para o autor, na capacidade de lembrar, assumimos o ponto de vista de um ou mais grupos, e nos situamos em uma ou mais correntes do pensamento coletivo. Logo, a memória social não seria meramente uma expressão do que aconteceu no passado, mas uma construção coletiva do passado realizada pelos indivíduos de uma determinada coletividade.

Dessa forma, a memória coletiva passa a ser uma memória constituída por grupos e esses constituídos por essa memória. A memória que emerge do social, representada pelas narrativas dos fronteiriços de Jaguarão e de Rio Branco, parte da função da evocação de uma lembrança, para a qual convergem esforços de busca de uma memória coletiva, vinculada à lembrança, a valores e a

sentimentos, que são fundamentais como forma de pertencimento e reconhecimento. Assim, não apenas os indivíduos lembram-se das coisas. Grupos, e as mais diversas coletividades, lembram-se também. Dito de outro modo, na perspectiva de Assamann (2011), os modos de recordar são definidos culturalmente, variam ao longo do tempo e segundo a formação cultural em que são formulados.

Portanto, a memória ativa a percepção de si e dos outros. É um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência, ou seja, de identidade. A concepção da identidade, segundo Hall (2003), é “realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”. Portanto, é sempre um processo de formação. E a ponte em estudo tem um papel central na formação de identidades no espaço binacional Jaguarão-Rio Branco, separado/unido pelo rio Jaguarão e pela fronteira nacional Brasil-Uruguai.

## 2. METODOLOGIA

Para acessar as memórias da população fronteiriça utilizou-se método de História oral, com entrevista aberta com um roteiro semiestruturado. Contudo, considerou-se também o aproveitamento de depoimentos espontâneos das pessoas sobre questões presentes neste roteiro, posto que as situações de campo e de vivência cotidiana no trânsito entre os dois lugares (vivendo em Rio Branco e em Jaguarão), colocam a pesquisadora diariamente diante de encontros e narrativas relevantes para a pesquisa, encontros que se configuram espontaneamente, na dinâmica do cotidiano.

Conforme discute Alberti (2004), “entrevistas de história oral podem ser usadas no estudo da forma como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências [...].” É possível se pensar fortemente também na história oral como um registro de suas vivências, memórias e experiências (ALBERTI, 2004, p. 25).

Dentro da proposta metodológica, também foi utilizado questionário com questões abertas que, seguindo Vieira (2009, p.50), “não sugerem qualquer tipo de resposta. As respostas são espontâneas, isto é, dadas nas próprias palavras do respondente”. Partimos da premissa metodológica de buscarmos depoimentos de diferentes camadas que estruturam a sociedade, por exemplo, do ponto de vista etário: procuramos tanto os mais jovens, como estudantes, quanto os mais velhos, das cidades de Jaguarão/Brasil e Rio Branco/Uruguai. Após a coleta dos dados, as entrevistas foram submetidas a um processo de transcrição, classificação e interpretação.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados preliminares encontrados na análise das entrevistas abrangem uma dimensão de rememoração. Tal como define Bosi (1994), a memória como um trabalho de recuperação de passado pelas diferentes experiências vivenciadas pela comunidade local, nesse lugar até momento presente. Esse processo de rememoração da população fronteiriça com o bem mostra como este espaço se torna um lugar de memória para ambos os lados.

As narrativas neste espaço de fronteira se constroem e se reconstroem partir da interação social proporcionada pela Ponte Internacional Barão de Mauá, assim a rememoração dos moradores de ambos os lados parece estar compostas por camada etária, os grupos de pessoas com mais idade por conhecer a história da

região e da construção da ponte aparece calçadas na memória de um passado de união, passado de geração há geração, assim como a história desta fronteira, no entanto nas camadas mais jovens, a ponte aparece como, um lugar de travessia, de comércio e de um patrimônio binacional.

Dessa forma, a Ponte Internacional Mauá tem um significado espontâneo para esse grupo jovem, isto é, o importante é o vivido no momento, por isso em muitos dos seus relatos a ponte representa um lugar de integração tanto comercial como cultural. Enfim, a ponte internacional Mauá vai proporcionar este sentimento de integração social, através da experiência do cotidiano na fronteira entre dois países, embora coexistam camadas diferentes.

Assim a ponte é estabelecida, por parte dos moradores locais, não só como uma apropriação afetiva é estética, mas também como uma relação cognitiva. A ponte apresenta-se como um “signo” partilhado, como elemento significativo e necessário na interação cultural desse grupo no espaço. Aliás, a população fronteiriça passa a reconhecê-la como um símbolo que os identifica nesse espaço.

Em suma, a ponte, além da representação da cultura material para ambos os lados da fronteira, representa um lugar em que a memória se constitui coletivamente, embora haja inúmeras memórias coletivas diferentes umas das outras. Uma pesquisa mais aprofundada, como propomos em nossa pesquisa, buscará datar com mais precisão as camadas de memória que compõem as relações com este “signo” em sua capacidade de significar a pertença a este lugar binacional.

#### 4. CONCLUSÕES

As conclusões parciais obtidas através da análise do referencial teórico, do material coletado, seja nas entrevistas, nas observações de campo ou nos questionários, apontam que a ponte Internacional Mauá é um lugar de referência no cotidiano da população de Jaguarão e de Rio Branco, de modo que ela aparece de forma marcante nas narrativas memoriais de diferentes gerações. Para Bosi (2003, p.199-200), “cada geração tem sua cidade, a memória de acontecimentos que são de amarração de sua história”. Ou seja, a ponte articula o passado e o presente da população fronteiriça. Assim, é capaz de materializar e evocar parte da memória social, de memórias que ainda estão vivas no cotidiano da população fronteiriça. Esta valorização do passado vinculada ao presente proporciona às gerações futuras referências identitárias.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2 ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembrança de velhos. 19 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994
- \_\_\_\_\_. Memória da cidade: lembranças paulistanas. In: **Estudos Avançados**, vol.17, n.47, 2003. p.198-211.
- CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

- GUTIERREZ, Ester Judite Bendjouya. Ponte Internacional Barão de Mauá: Patrimônio Binacional. In: **Patrimônio Cultural Brasil e Uruguai:** os processos de patrimonialização e suas experiências. Pelotas: Editora UFPel, 2013.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva** Rio de Janeiro: Vertice, 1990.
- \_\_\_\_\_ **Los marcos sociales de la memoria.** Caracas: Anthropos Editorial, 2004.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HERNÁNDEZ, Josep Ballart et all. O valor do patrimônio histórico. In: **Complutum Extra**, vol. 6, 1996, p. 215-224.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O campo do Patrimônio Cultural: Uma revisão de premissas. In: **I FORUM NACIONAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural:** desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão. Ouro Preto/MG, 2009/ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Coordenação Weber Sutti. Brasília, DF: IPHAN, 2012.p. 25-39.
- \_\_\_\_\_. **Memória e Cultura Material: documentos pessoais no espaço público.** In: **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998, p. 89-104.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História.** São Paulo: nº 10, dez. 1993, p. 7-28.
- POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992.p.200-2012.
- SANTOS, Ivana Morales Peres dos. **Direito Internacional e Gestão Pública do Patrimônio Cultural Transnacional ou de Fronteira:** Estudo do caso da Ponte Internacional Barão de Mauá enquanto Patrimônio Cultural do Brasil, do Uruguai e do MERCOSUL. Pelotas, 2017.
- SOARES, Eduardo Alves de Souza. **Ponte Mauá: Uma História.** Porto Alegre: E.A.S.S/Evangraf, 2007.
- VIEIRA, Sonia. **Como elaborar questionários.** São Paulo: Atlas, 2009.